

CIDADE: uma materialidade subjetiva

José Valdenir Rabelo Filho *

Resumo: Este trabalho, na medida em que se propõe a pensar a cidade de Sobral a partir dos significados simbólicos atribuídos por seus diversos atores sociais, ressignifica as possibilidades de ler/ver este lugar, o qual, por vezes, não é aqui entendido como um complexo harmônico e uniforme. A Sobral, da forma como é lida aqui, é uma cidade que carrega em seu interior outras muitas cidades, é essencialmente um complexo dinâmico e plural, palco de atuação caleidoscópica pois de conflito, onde atores múltiplos compartilham e se confrontam quanto a legitimidade da construção simbólica sobre o lugar. Ir ver o conflito, as tensões sociais, é ler as muitas cidades silenciadas e negadas. Assim sendo, o intento deste trabalho é observar como a cidade é dita e inventada, significada por seus diversos personagens históricos.

Palavras-chave: Cidade; silêncios, significação do mundo social; tensões sociais.

Abstract: This work, as long as it proposes to consider the city of Sobral from the symbolic meanings attributed to their different social actors, remake the possibilities to read / see this place, which sometimes is not understood as a harmonic complex and uniform. The city of Sobral, the way it is read here, is a city that carries inside many other cities, is essentially a dynamic complex and plural, kaleidoscopic scene of action because of conflict, where multiple players face and share about the legitimacy of the symbolic construction of the place. While you go and see the conflict, social tensions, you read the many silenced and denied cities. Therefore, the intent of this work is to observe how the city is said and invented, by means of its various historical characters.

Key-words: City, silences, the world's social meaning, social tensions.

A cidade é, sobretudo, uma invenção humana, uma *materialidade* constituída de subjetividade, pois enquanto organização material, delimitada pela relação entre os homens e a natureza, a cidade é forjada, pensada, imaginada, organizada, desejada, de diferentes formas, por diferentes atores, assumindo, deste modo, uma característica não objetiva, dada a ver, a tatear como um corpo homogêneo, mas sim como um objeto, um indício da ação humana dado a ler. Neste sentido, ler a cidade é compreender que esta *materialidade* é simbolizada não somente pela concretude da ação do homem sobre a natureza, visualizada nas edificações, no perfil do espaço construído, ou ainda pela rede de artérias e vias, mas sim, em essência, pela confluência entre o pensar, o sentir, o criar a cidade visível e invisível, a real e a desejada, na tensão estabelecida entre os sujeitos que dela fazem parte, que a ela produzem.

* Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA/Sobral - CE. Graduado em História na modalidade Licenciatura.

Entendida como uma obra coletiva que é impensável no individual, como uma rede complexa de relações sociais que forja um tecido sempre renovado, a cidade é sobremodo, um espaço de sociabilidade, de acomodações e disputas, onde atores diversos contracenam cotidianamente, e se relacionam com o espaço, na medida em que o constrói, de diferentes formas, elaborando e defendendo interesses particulares e/ou de uma coletividade fragmentada, forjando, enfim, um espaço múltiplo, polifônico, também de conflito.

Então, busco compreender este espaço em sua pluralidade, evidenciando, assim, que o mesmo não é forjado ou pensado somente por aqueles que seriam identificados no interior das classes dominantes ou das elites dirigentes, como aqueles que “fazem a cidade”, mas sim, e sobretudo, pelos sujeitos anônimos, que trafegam por “vias subterrâneas”, “homens comuns” que ajudam a formatar o espaço urbano a partir de suas ações, desejos e projeções imaginárias. Ler a cidade, é estar atento a essa articulação tensa entre os diferentes atores sociais e o espaço construído, e ao mesmo tempo compreender que

A idéia de tensão (...) é sempre a idéia de demonstrar que não há possibilidade de ler qualquer fenômeno de maneira unitária, de uma maneira que não englobe as contradições. (...) É porque se reconhecem essas tensões que nós, como cidadãos, temos um espaço de intervenção. (CHARTIER, apud, CARVALHO, 2005: 158)

Assim, uma vez compreendendo a cidade como uma construção coletiva e por isso mesmo tensa, marcada pelo movimento de contrários, pela divergência social entre as formas de produção e apropriação do espaço, é que aponto a cidade, da forma como sugere Ítalo Calvino (2003), como portadora de outras múltiplas cidades, estando estas contidas naquela. Então, a relação aí existente entre cidade “real” e cidade imaginada, prefigurada, desejada, é muito sutil, pressupondo, este diálogo, uma circularidade de sentidos conferidos aos espaços que são atribuídos de valores pelos atores que a produzem e consomem.

Como um detetive (GINZBURG, 1989: 143-179), que fareja pegadas, indícios aparentemente negligenciáveis, ou marcas de historicidade deixadas no tempo, o historiador que parte em busca da polifonia cidadina deve estar atento às lutas simbólicas legitimadas enquanto representação do viver neste espaço, além do que, como nos alerta Benjamin, deve compreender “(...) que nada que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história”. (BENJAMIN, 1994: 223)

Nesta medida então, o objetivo aqui é “*escovar a história a contrapelo*” (BENJAMIN, 1994: 225), de modo a que, como propõe Bourdieu, se possa intervir no espaço citadino na medida em que o mesmo é problematizado, a partir do momento em que é

reinventado com base em uma narrativa que evoca experiências individuais e coletivas – forjadas num espaço temporal delimitado – na formatação, ou produção do espaço.

Sobral: uma Cidade de múltiplas cidades

A cidade, então, objeto de análise, é Sobral, a qual busco compreendê-la em sua pluralidade, em sua tessitura complexa, atentando para as construções simbólicas, ou representativas que buscam legitimar o referido espaço a partir de uma perspectiva uniformizadora, tendendo a silenciar as vozes que destoam de um projeto elitista político-econômico, e, no caso da referida cidade, também religioso. Visualizo esta tendência a uniformizar, como um projeto que tem por objetivo criar um espaço não somente discursivo para dizer, pensar, criar ou “fazer” a cidade, ou como propõe Bourdieu, como um *poder simbólico*, o qual é arregimentado

(...) como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a acção sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário. (BOURDIEU, 2001: 14)

Entendo, conforme ainda a discussão proposta por Bourdieu sobre o “*poder simbólico*”, que os sistemas simbólicos forjados por determinada classe social tendem a instituir propensões ao mesmo tempo de integração, e desagregação, diferenciação. Ou seja, os sistemas simbólicos, criados pelas elites econômicas e político-religiosas, elaboram forças que dimensionam a identificação e integração entre os seus, ao mesmo tempo em que estabelece a distinção, o distanciamento das demais classes. Isso, todavia, não implica dizer que as camadas populares não elaboram ou constroem os seus sistemas simbólicos, de modo a estabelecer, também, um sentido imediato e mediado do mundo. A relação aí estabelecida, entre os sistemas simbólicos, ou mais especificamente os campos de produção destes, tende a dimensionar-se conflitivamente, gerando assim, conforme Bourdieu, a *luta simbólica*, onde “As diferentes classes ou fracções de classe estão envolvidas (...) para imporem a definição do mundo social mais conforme seus interesses, (...)”. (BOURDIEU, 2001: 11)

Fica evidente, nesta medida, para as problemáticas que este trabalho busca evidenciar, que a cidade é um espaço privilegiado para a ocorrência desta luta, o que nos

permite inferir ou vislumbrar a existência de muitas outras cidades dentro da cidade de Sobral, pois as formas como as diferentes classes e atores sociais que a estas dão forma se relacionam e vivem a e na cidade, diferem, sendo possível, assim, estabelecer uma relação ou mesmo distinção entre a cidade visível, carregada de suas tensões sociais, e a cidade invisível, sonhada, vislumbrada enquanto possibilidade, ou mesmo tomada como realidade a partir da força discursiva que busca construí-la figurativamente.

Identifico esta luta simbólica nas formas de “inventar”, produzir, ou significar discursivamente, o espaço citadino, e, visualizo tais questões em alguns trabalhos que tratam da história da cidade de Sobral, os quais buscam apontar os indícios que legitimam a formação oficial da mesma, além do que assim o fazem, com algumas exceções, a partir de uma perspectiva que tende a homogeneizar a rede de relações sociais entre os sujeitos, ou atores do complexo citadino, os quais vivenciam experiências diferenciadas, pois, não podemos perder de vista, são estabelecidas historicamente na malha das relações.

Preocupados em apresentar a cidade de onde falam, como um espaço construído em harmonia social, os autores ¹ apontam que as bases da mesma vem a surgir ainda no século XVIII, quando da concessão, em 1702, de uma sesmaria à Ribeira do Acaraú ao português Antonio da Costa Peixoto. A partir de então, com a ocupação daí decorrente, forjada a partir da aglomeração em torno da Fazenda Caiçara, o espaço natural passa a ser redimensionado, reinventado pelo homem, o qual tende a se relacionar com o meio de modo a atender às suas necessidades cotidianas, e mesmo, concomitantemente, a organizar um sistema comercial.

No intento de também pontuar uma escrita que foge ao viés apaziguador das tensões sociais como base constitutiva do espaço ², evidencio que a ocupação e mesmo o desenvolvimento comercial a ser desenvolvido na região, é pautado a partir dos caminhos traçados pelas boiadas, os quais foram forjados desde o início da colonização, definindo

¹ Considero estes trabalhos tendendo a negligenciar as relações conflitivas, ou mesmo, as múltiplas cidades que constituem a Sobral. Deste modo, temos: SOARES, José Teodoro. **A idéia de modernidade em Sobral**. Fortaleza: Edições UFC/ Edições UVA, 2000; ARAÚJO, Francisco Sadoc de. **Raízes portuguesas do Vale do Acaraú**. 2º ed. Sobral: Edições UVA, 2000; GIRÃO, Glória Giovana S. Mont'Alverne & MAIA SOARES, Maria Norma. **Sobral: Historia e Vida**. Sobral: Edições UVA, 1997; FROTA, D. José Tupinambá da. **História de Sobral**. Sobral: UVA, 1990; ROCHA, Herbert. Uma noite de 50 anos. In: **O Lado Esquerdo do Rio**. São Paulo: Hucitec: Secretaria de Desenvolvimento da Cultura e do Turismo; Sobral: Escola de Formação em Saúde da Família Visconde de Sabogosa, 2003; dentre outras.

² O trabalho de SOUZA, Raimundo Nonato Rodrigues de. **Irmandade e Festa: Rosário dos Pretos de Sobral – CE (1854-1884)**. Fortaleza: Edições NUDOC / Expressão Gráfica e Editora, 2007, nos é importante, pois a partir dele podemos encontrar indícios que descaracterizam os preceitos de uma cidade construída em harmonia social, uma vez que o mesmo, comprometido com os preceitos da História Social de matriz inglesa, apresenta criticamente a segunda metade do século XIX na região do Vale do Acaraú, demonstrando, com base em vasta pesquisa documental, que a constituição do espaço, pelo qual hoje conhecemos por cidade de Sobral, foi marcada por uma tensão social arregimentada a partir de forças múltiplas, que se confrontavam em momentos específicos, mas que comungavam de lugares sociais distintos, a construção do espaço.

percursos ou vias que tinham as margens dos rios como referência de acesso ao sertão. Então, traçados os caminhos a partir da ribeira do Acaraú, o processo de ocupação passa a ser dimensionado, encontrando, como ponto de apoio para o soerguimento de um povoado, a prática religiosa. Conforme nos sugere Souza “Um ponto fundamental nesse processo foi o fato de o povoado da Caiçara ter-se tornado sede do Curato Nossa Senhora da Conceição da Ribeira do Acaraú, em 1742, e de aí ser determinado a construção da Matriz do Curato”. (SOUSA, 2000: 16)

Após o estabelecimento do Curato nas imediações da Fazenda Caiçara, então, os percursos trilhados pela prática religiosa passam a convergir para o referido local, o que vem a influenciar, nesta medida, o processo de estruturação e significação do espaço social. Nesta medida Souza apresenta ainda que

Assim, a criação de gado; o estabelecimento da Igreja Católica, exercendo o controle religioso sobre as pessoas e os grupos; e o comércio, inicialmente do couro e depois do algodão, definiram, durante o século XVIII, a ocupação do Vale do Acaraú e a constituição do núcleo que viria a ser, mais tarde, a cidade de Sobral. (SOUSA, 2000: 17)

Nomeada Vila Distinta Real de Sobral em 1773, e elevada oficialmente à condição de cidade em 1841, com o nome de Fidelíssima Cidade Januária do Acaraú, a cidade, então, para aqueles autores que a entendem como um espaço homogêneo passa a existir oficialmente. A nomeação honorável dada, e mesmo a mudança de Vila Distinta Real de Sobral para Fidelíssima Cidade Januária do Acaraú, de acordo com Araújo,

Pretendia ser uma homenagem à família do Imperador Dom Pedro II, na pessoa de uma de suas irmãs legítimas, a princesa dona Januária, (...), conhecida posteriormente pelo nome de Condessa d'Áquila, (...). (ARAÚJO, 2000: 31)

Todavia, ainda conforme o autor acima referendado, “O povo sobralense, (...), aceitou a honra de ser cidade, mas rejeitou a mudança de nome. E começou a protestar e a exigir que retornasse a anterior denominação de Sobral”. (ARAÚJO, 2000: 31)

Tais enunciações suscitam alguns problemas, o primeiro deles diz respeito à “invenção” oficial da cidade; o segundo, no que tange à narrativa construída, diz respeito às formas de elaboração discursiva que dimensionam a construção do espaço citadino como portador de uma uniformidade apaziguadora. É importante, ainda, que se questione sobre o referencial apontado por Araújo quando o mesmo evidencia certa insatisfação social – “o povo sobralense (...). começou a protestar”.

Nesta medida, questiono se a cidade passa a existir a partir do momento em que ela é enunciada por entidades e/ou sujeitos pertencentes a lugares oficiais, ou se ela preexiste a essa nomeação? O que faz da cidade uma Cidade? Será que essa invenção está restrita às construções oficiais que a nomeiam enquanto tal, ou será que essa construção perpassa a vivência cotidiana e as significações que os sujeitos constroem no e sobre o espaço? Em que segmento da sociedade encontraria lugar este *povo* que reivindica um nome?

Compreendo, conforme as proposições levantadas por Joseph Rykwert, que

As cidades – “towns” e “cities” – não são fruto de uma ordem política ou econômica que nos é imposta totalmente de cima para baixo; tampouco são determinadas de baixo para cima por forças obscuras que mal conseguimos identificar e, menos ainda, controlar. (RYKWERT, 2004: 06)

Deste modo, me parece, a cidade é fruto da interação e mesmo luta entre os significados atribuídos ao espaço tanto por aqueles que seriam identificados no interior das classes dominantes ou das elites dirigentes, quanto por aqueles identificados no interior das camadas populares, homens e mulheres comuns que contracenam a mesma história que aqueles, pressupondo, este diálogo, conforme nos sugere Ginzburg (1987: 20) uma *circularidade, influxo entre* as culturas.

Assim, acredito, ainda evocando as proposições de Rykwert, que a cidade de Sobral não vem a surgir somente após a sua designação enquanto tal, mas sim, ela preexiste a essa existência oficial, ou seja, à formação do lugar perpassa os significados simbólicos atribuídos pelos atores sociais que o produzem, não podendo, nesta medida, a sua formação ser atribuída de forma exclusivista a entidades exteriores a esta vivência. Assim sendo, visualizo esta elevação de Vila Distinta Real de Sobral à Cidade Januária do Acaraú, como uma construção discursiva que busca primeiro delegar ou afirmar o poder de quem diz sobre o lugar, e, segundo, distinguir o referido espaço dos demais, pois como propõem ainda Rykwert, “*Villa – como a palavra francesa ville e a inglesa town – tem um leve sabor de rural*”.

Portanto visualizo a “elevação” à cidade como um projeto que busca criar um lugar privilegiado para quem a pronuncia e para aqueles que a este projeto se aproximam a partir do pertencimento traçado, o qual incide sobre as relações simbólicas de força que significam o mundo social.

Sendo assim, é que considero, neste momento, ser importante, trazer para a discussão as propostas levantadas por Williams quando, ao trabalhar as relações entre *O Campo e a Cidade*, pronuncia que “O campo passou a ser associado a uma forma natural de vida – de

paz, inocência e virtudes simples. À cidade associou-se a idéia de centro de realizações – de saber, comunicações, luz”. (WILLIAMS, 1989: 11)

“Criar” a cidade então, implica relações de poder que são delimitadas pela elaboração de um espaço para tornar visível e mesmo dizível um projeto diferenciado, delimitando, deste modo, lugares sociais também diferenciados, entre aqueles que elaboram para si a incumbência de pensar, e produzir ou fazer a cidade, e aqueles que são ditos apenas como ocupantes passivos, sem poder de intervenção no espaço.

Pensar então sobre o “*povo*” enunciado por Araújo, me traz algumas inquietações, uma vez que o projeto de escrita do mesmo, parte na perspectiva de demonstrar, com base na empiria documental, a importância dos portugueses, e com estes as suas instituições, para a ocupação e mesmo construção do espaço, pelo qual hoje se conhece como cidade de Sobral. Então, me parece não ser possível precisar que a terminologia utilizada possa indicar as camadas populares demonstrando uma reação, ou mesmo reivindicando um lugar de intervenção, mas sim, tal enunciado surge como vestígio que parece reafirmar a atuação de uma elite que passa então a distinguir o espaço, e mesmo a estabelecer critérios para a sua diferenciação em seu interior.

Deste modo, as perspectivas argumentativas apresentadas para dizer sobre o lugar, tendenciam a criá-lo, a partir da enunciação, com um caráter muito apaziguador, modelar, como se às relações sociais fugissem as tensões, como se o diálogo travado entre os atores sociais que contracenam no cenário citadino, uma vez que partilham lugares, desejos e virtudes diferenciadas, não fosse marcado pelo embate, como se este destoar não fosse sintomático mesmo na organização, e nas possibilidades de dizer o lugar.

Tais questões surgem como um alerta, no sentido de que não se deve perder de vista o lugar de produção, ou seja, o “lugar social” daqueles que enunciam a cidade de Sobral como um instrumento pensado e realizado por elites político-econômicas e também religiosas, formatado ou dado a tatear como um corpo homogêneo, como um dado objetivo.

Os mesmos apontamentos são importantes para introduzir os problemas sobre os quais pretendo me debruçar com mais afinco, de modo a delimitar a Cidade tomada como objeto de análise a partir de suas representações, as quais, em grande medida, estão calcadas nas enunciações que a enquadram sob uma única possibilidade de vir a ser.

Entre o dar a ver e o esconder: os conflitos de memórias

A Sobral tomada como objeto, então, é uma Cidade não-dita, ou mesmo uma cidade negada por uma historiografia engajada em um projeto que tende a criar uma memória histórica dimensionada em harmonia social, ou, como nos propõe De Decca, preocupada em preservar, ou mesmo legitimar a “(...) memória histórica do vencedor, o que faz parte do exercício de dominação, ao edificar o futuro ao mesmo tempo em que refaz o passado”. (DE DECCA, apud, SANTOS, 2000: 23)

Dizer sobre um tempo pretérito é representá-lo, é presentificá-lo com base em uma narrativa que evoca experiências a partir dos vestígios de historicidade deixados no tempo, é, todavia, não poder chegar ao passado tal qual ele aconteceu, pois os percursos trilhados são múltiplos e condicionados pelas circunstâncias históricas do tempo que foi, e do tempo que é. Neste sentido, o historiador elabora uma representação no presente dado *sobre* um passado experimentado, a partir das representações deste passado que a ele é acessível, ou seja, constrói o conhecimento histórico na perspectiva de que ele é *indireto, indiciário e conjectural*. (GINZBURG, 1989: 157)

A cidade sobre a qual reflito é a Sobral do século XX, ou mais precisamente o espaço citadino que é forjado num regime de exceção, que é pensado e construído por diversos atores sociais ao longo da Ditadura civil-militar implantada como regime político no Brasil em 31 de Março de 1964. Contudo, antes mesmo de traçar um itinerário de escrita que possa conduzir o leitor à visão do lugar, pois como propõe Certeau (2002: 277) *ler é ir ver*, considero ser importante dar continuidade às reflexões até então trabalhadas, pois tais questões inserem a minha problematização, o meu problema histórico.

Neste sentido, a Sobral do século XX, construída a partir da enunciação discursiva elaborada por Glória Girão & Norma Maia Soares, em *Sobral: história e vida*, por Teodoro Soares, em *A idéia de modernidade em Sobral*, por Herbert Rocha, em *O lado esquerdo do rio*, dentre outros, é uma cidade que é dita, também em harmonia, que é dada a ver como um vestígio objetivo, como uma objetivação material pensada e mesmo realizada por uma elite econômica, política e, em grande medida, também religiosa.

Silenciar as tensões, evidenciar uma cidade idealizada, imaginada, prefigurada, exemplar, faz parte de um projeto que busca sim, como nos sugere De Decca, evidenciar a *memória histórica* daqueles que arregimentam forças e criam mecanismos para tornar dizível e por conseguinte visível as suas realizações, inventando a partir do poder de enunciação elaborado pela narrativa, o passado, significando, por conseguinte, a partir da intervenção

dada, o presente, e projetando, elegendo, ou edificando deste modo, o ordenamento social, o perfil citadino, e as perspectivas para a produção do urbano.

Parece ser muito importante, na medida em que faço tais apontamentos, retomar a discussão proposta por Bourdieu sobre *O poder simbólico*, quando o mesmo apresenta que

O que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de a subverter, é a crença na legitimidade das palavras e [na] daquele que as pronuncia, crença cuja produção não é da competência das palavras. (BOURDIEU, 2001: 15)

Deste modo, entendo que o poder de mobilização que arregimenta o pertencimento ou a formação da identidade social, não está contido, de maneira exclusivista, nas palavras que enunciam um passado dado, ou mesmo o presente de uma cidade, mas sim, também, em grande medida, nos sistemas simbólicos que a significam, ou seja, a palavra pela palavra é um complexo aprisionado, contido em si mesmo, encontrando, todavia, a sua emancipação no ordenamento que é dado a ela através de ferramentas que a sistematizam e a tornam visível e mesmo dizível, aceita socialmente enquanto possibilidade de verdade, legitimando, outrossim, o lugar social de onde ela é dita.

A emancipação da palavra, então, da forma como busco entendê-la, é estabelecida a partir de instrumentos ou ferramentas de enunciação, e, no século XX, um dos mecanismos utilizados para arregimentar uma mobilização social entorno do que é dito sobre a cidade de Sobral, é o semanário *Correio da Semana*, o qual,

Aos 31 de março de 1918, sob os auspícios de Dom José Tupinambá da Frota, 1º Bispo da diocese sobralense, (...) surgiu, na cidade de Sobral (...)”³, [como o] “(...) **porta-voz da verdade e defensor das causas justas (...) que trabalha pela difusão da verdade e pela grandeza da Religião e da Pátria.**”⁴

Periódico vinculado à Igreja Católica, o *Correio da Semana* passa a ser, então, carro-chefe na veiculação dos ideais do catolicismo, que, àquele momento passava por um processo de renovação, ou seja, passava a viver uma nova dinâmica a qual, conforme sugere Santos, legitimava-se “(...) defendendo uma reforma europeizante e romanizadora nas bases da catolicidade”. (SANTOS, 2000: 20)

³ Correio da Semana: resumo histórico. *Correio da Semana*. Sobral, 14 de mar. de 1968. p. 02.

⁴ Meio século de existência. *Correio da Semana*. Sobral, 14 de mar. de 1968. p. 02. *Grifos meus*.

Construo uma representação sobre a Cidade a partir dos indícios de historicidade deixados no tempo, observando as significações do espaço que são dadas pelos diversos atores sociais que a vivificam.

Presentificar uma cidade ausente, ou dar a ver uma ausência tornando sensível uma presença, foi o intuito desta narrativa histórica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Francisco Sadoc de. **Raízes portuguesas do Vale do Acaraú**. 2º ed. Sobral: Edições UVA, 2000.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7º ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras Escolhidas; v. 1).
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. 4º ed. Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2001.
- CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Trad. Diogo Mainardi. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de São Paulo, 2003.
- CARVALHO, Francismar Alex Lopes de. O Conceito de representações coletivas segundo Roger Chartier. In: **Diálogos**, DHI/PPH/UEM, v. 9, nº. 1, 2005.
- CERTEAU, Michel. **A Escrita da História**. Trad. Maria de Lourdes Menezes. 2º ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude**. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2002.
- GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. 3º ed. Trad. Maria Betania Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- _____. **Sinais: Raízes de um paradigma indiciário**. In: **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. Trad. Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GIRÃO, Glória Giovana S. Mont'Alverne & MAIA SOARES, Maria Norma. **Sobral: Historia e Vida**. Sobral: Edições UVA, 1997.
- PESAVENTO, Sandra Jatayh. Muito além do espaço: por uma História Cultural do Urbano. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 08, nº47, 1995.
- _____. Lugares malditos: a cidade do “outro” no Sul brasileiro (Porto Alegre, passagem do século XIX ao século XX). In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo: ANPUH, vol. 19, nº37, 1999.
- ROCHA, Herbert. **O Lado Esquerdo do Rio**. São Paulo: Hucitec: Secretaria de Desenvolvimento da Cultura e do Turismo; Sobral: Escola de Formação em Saúde da Família Visconde de Sabogosa, 2003.
- RYKWERT, Joseph. **A Sedução do Lugar: a história e o futuro da cidade**. Trad. Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Martins Fontes, 2004. (Coleção a).
- SANTOS, Chrislene Carvalho dos. **Construção social do corpo feminino (Sobral – 1920/1925)**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco; Universidade Estadual do Ceará, 2000.
- SOARES, José Teodoro. **A idéia de modernidade em Sobral**. Fortaleza: Edições UFC/ Edições UVA, 2000.
- SOUSA, Raimundo Nonato Rodrigues de. ; VASCONCELOS, R. I. V.; BARBOSA, Marta Emísia Jacinto ; LUCAS, M. R. L. . **Sobral: Patrimônio Nacional**. 1. ed. Sobral: Prefeitura Municipal de Sobral/Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - 4ª Região, 2000.
- SOUZA, Raimundo Nonato Rodrigues de. **Irmandade e Festa: Rosário dos Pretos de Sobral – CE (1854-1884)**. Fortaleza: Edições NUDOC / Expressão Gráfica e Editora, 2007.
- WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade: na história e na literatura**. Trad. Paulo Henrique Brito. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.